

Reedição. Administração Tipográfica
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-fei-
ras... Não se devolvem os originais... Dos arti-
gos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VII—N.º 2178

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA DEOLHO
Proprietário da CONFEDERAÇÃO GERAL
DOS TRABALHOS
• Aderente à Associação dos Trabalhadores
Assinatura: Inclui-se o valor das assinaturas.
Lisboa, mês de 1926; Província, 3 meses 30 escudos.
África Portuguesa, 6 meses 30 escudos. Estimativa
6 meses 100 escudos.

SEXTA FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1926

A BATALHA

UMA SÉRIE DE PREGUNTAS DESCONCERTANTES

Primeiro, um puxão de orelhas à gentinha do "Século"—Depois, perguntamos: ¿ Não teria o tesoureiro do Banco de Portugal entregue ao gerente do Ángola e Metrópole várias malas contendo maços de 500 escudos? Que foi Mota Gomes, quando se descobriram as notas falsas, fazer a Paris? Teria tido no Quay d'Orsay uma conversa com Alves dos Reis? Ter-lhe-ia telefonado para o hotel Claridge aprazando uma entrevista? Teria ido, depois da entrevista, a Londres conferenciar com a direcção da casa Waterlow? — Mota Gomes é, como o Inocêncio Camacho, uma criatura insuspeita ...

Percebe-se, por exemplo,—dizia ontem O Século—porque motivo o órgão da C. G. T. ataca furiamente o Banco de Portugal. Procede assim porque Amâncio Moreno o ordena. Ele é quem orienta o órgão do operariado revolucionário.

O pasquim da rua Formosa mente conscientemente, mente porque assim lhe convém—para estabelecer a intriga, para apresentar como bolchevista terrível o dr. Amâncio de Alpoim perante o capitalismo sectário, para apresentar como traidor aos princípios sindicais A Batalha perante o operariado.

Impotente para bater-nos connosco, frente, num luta leal, O Século, que finge não nos ler quando o desmascaramos, serve-se da armazil e repugnante da intriga. É a arma das mulheres fracas e dos pederastas ignóbeis. É a arma própria dum jornal que é orientado pelo Pereira da Rosa, o concubino de Silva Graça.

Cobarde O Século, no interesse da sua própria pele, tem-se furtado a qualquer discussão connosco. Quando, numa outra passagem dos nossos artigos de combate alvejamos esse reduto de immoralidade, que se arvora em paladino da honestidade e defensor da pátria, nunca nos responde, cala-se, porque tem medo de lançar fogo a um rastilho que o fulminará.

Aquela gentilha do Século que não nos faça perder a paciência. Nós sabemos de que massa são feitos os cavalheiros que lá pontificam, como orientadores do órgão das forças vivas, que afinal se limita a fazer o jôgo desonesto e vergonhoso duma resumida camarilha de interesses inconfessáveis em detrimento da pequena burguesia, da modesta indústria e do comércio sobre-carregado de impostos, que tolamente julga ter naquele jornal um defensor sincero. Sabemos de que massa elas são feitos. Desde o Trindade Coelho, patriota que traiu a pátria, durante a guerra administrando uma causa alema em proveito dos alemães, ao Adelino Mendes, espécie de mogo de fretes do jornalismo, que mercenariamente redige os incoerentes «artigos da campanha de depuração». Sabemos bem de que lama viscosa elas são feitas. E o país também não o ignora!

A moral dos tartufos do órgão da imoralidade

Temos por várias vezes hesitado em mexer na moral daqueles tartufos. Temos hesitado porque para definir-las termos de recorrer aos piores adjetivos do dicionário—e nós não queremos ofender o pudor das nossas leitoras. Para traçarmos o perfil moral desses cavalheiros seríamos forçados a descrever com as cōres mais vivas as escenas mais degradantes—desde os actos luxuriosos, das pederastas ao repugnante espetáculo que nos oferecem as almas imorais, as consciências sem escrúpulos desses «menores» de operaria.

A nossa campanha não vai tão longe, a nossa campanha tem de ser limitada pela própria grandeza da repugnância do escândalo. Basta-nos sublinhar as evoluções degradantes da campanha do Século e apontar os elementos suspeitos que ela favorece, para que o público fique fazendo uma ideia suficientemente repugnante da campanha que aparece sob a forma de imprensa desinteressada.

Não há nenhuma frase naquele jornal que não obedecido a um intuito inconfessável. Se avelja Nuno Simões, afeiçoado à Companhia do Amboim, pretende salvaguardar os interesses de Alfredo da Silva, rival da mesma Amboim na questão das oleaginosas, e da Casa Burnay que se prepara para lançar mais uma vez as garras ao pescoco da nação na questão dos Tabacos. Quando iniciou a campanha contra o Ángola e Metrópole, servindo-se

das acusações mais fantásticas que ele mesmo foi desmentindo depois, uma a uma, na crença de que os leitores não o observavam, o Século só tinha um objectivo: salvar o Banco Ultramarino.

Por detrás da campanha daquela folha mercenária só há interesses inconfessáveis, interesses mesquinhos, que postos a nunc cheiram pior do que a maiores sentinelas.

E' esse pasquim de lama que se atreve a querer especular com o operariado. E' aquela gente desonesta que pretende, para fortalecer a sua campanha ignóbil, tocar no operariado nos seus artigos naufragados!

O director é um pulha

Mas engana-se connosco. Nós não temos amigos na finanças. O nosso pulso está livre, a nossa consciência desafogada. Os maiores Ulrichs (o do Banco de Portugal e o do Banco Ultramarino) nem pesam nas nossas resoluções. Falamos sem papas na língua.

Por muito que isso desagrade ao Século continuaremos a estragar-lhe o negório—porque dêsse estrago algum benefício resultaria para o proletariado, vítima das oligarquias financeiras. Descobrimos-lhe o jôgo que vem fazendo a favor do Ultramarino e do Banco de Portugal. Estes que lhe peçam contas da sua pouca habilidade.

Que crédito poderá dar o público a um jornal que, combatendo neste momento como falsários e desonestos Pinto de Lima e Nuno Simões, é dirigido por um homem que não há ainda muito estavado retilíneo na mesma panelinha, ficava orientando o órgão do ex-ministro do Comércio, com os seus adversários de hoje à mesma mesa, bebia nas suas ideias os assuntos dos seus artigos? Sim, que idea fará o público do sr. Trindade Coelho, director de O Século, que outro não é o velho amigo de Nuno Simões e Pinto de Lima?

Que é um pulha!

Uma acta preciosa e concludente

Mas não estejamos a desperdiçar o nosso tempo preciosos com O Século. Aquela gentinha importa-se menos que ponhamos à mostra as suas misérias pessoais do que ataques os seus negócios. E' melhor mexermos-lhe na barriga... Voltemos, pois, ao Banco de Portugal, que é hoje a pedra de toque do bom êxito da campanha daquela órgão de desmoronamento.

Os leitores têm tomado boa nota dos factos gravíssimos—que vão da viação da escrita aos desfalques e as falsificações—que vimos acusando a administração do Banco de Portugal.

Os leitores têm tomado boa nota dos factos gravíssimos—que vimos acusando a administração do Banco de Portugal.

(a) Inocêncio Camacho Rodrigues, João da Mota Gomes Júnior, Rui Enes Ulrich, António José Pereira Júnior, Fernando Emídio da Silva, José Caeiro da Mata, João Teotónio Pereira Júnior, Manuel do Casal Ribeiro de Carvalho, Ramiro Leão, José de Assis Camilo e Manuel António Dias Ferreira.

—Pelas 12 horas, sob presidência do sr. governador, e com a assistência do vogal do conselho fiscal, sr. Dias Ferreira, reuniram-se os sr. directores.

O sr. governador disse que, em conformidade com o que colectivamente lhe havia sido comunicado por todos os colegas do sr. Lobo de Avila Lima, havia momentos antes, chamado ao seu gabinete este sr. director, a fim de o pôr ao facto dessa co-

municação, que consistia no desejo manifestado por todos os colegas em exercício, do mesmo director, de que ele fosse governador, se entendesse com este senhor a fim de lhe mostrar, pelo melindre das circunstâncias presentes, a conveniência de se ausentear do serviço do Banco, e isto por se saber que ele havia tido relações com algum ou alguns dos indivíduos que se encontravam à frente do Banco Ángola e Metrópole, e sabem, él diretores, que um dos indivíduos presentes no Porto procurava defender-se com a alegação de que nunca poderia suspeitar da genuinidade das notas de 500\$000, visto que sempre que vinha a Lisboa, encontrava no Banco de Ángola e Metrópole o sr. dr. Avila Lima, director do Banco de Portugal, em colóquio com os directores do referido Banco, e que, sendo possível que isto viesse a público, o conhecimento de tais factos criaria uma situação verdadeiro desaire para o Banco e para a direcção, o qual muito maior seria continuando ele em exercício. O sr. governador disse ainda que tudo isto comunicaria ao sr. dr. Avila Lima, mas que não lograra convencer s. ex., é tanto que se encontrava presente e sentado na sua habitual cadeira.

O sr. dr. Mota Gomes disse que, nestas circunstâncias, lhe parecia conveniente que se reuniões os nove directores com o sr. governador e o vogal do conselho fiscal, presente, numa outra sala, a fim de entre si conferenciarem sobre o caso.

O sr. dr. Lobo de Avila Lima pediu a palavra e disse que as arguições que lhe foram feitas eram inteiramente falsas, porquanto a verdade—toda a verdade—é que apenas se avistou duas ou três vezes com José dos Santos Bandeira, que pouco conhecia, e que antecedentes de todo ignorava, a pedido do director da Sociedade Industrial Aliança, Sebastião José Marques de Almeida, a fim de que o Banco Ángola e Metrópole adquirisse um lote de ações do jornal O Século, na posse daquela sociedade, e também para o efeito da constituição dumha grande empresa gráfica. Que mais contacto algum teve com essa gente, e pediu aos seus colegas que reflectissem sobre a resolução que haviam tomado, que, mantendo-se, ele interpretaria como um claro desejo de o imobilizar, e que então iria para a imprensa, concretizando por dizer que, estando de servir amanhã, precisava saber a resolução definitiva dos seus colegas.

O sr. vice-governador disse entender que, como já anteriormente alvitrava, se deveriam reunir numa outra sala, com o sr. governador e o vogal do conselho fiscal, os nove directores; mas ausentando-se neste momento o sr. dr. Avila Lima, a reunião prosseguiu, sendo resolvido, sem discussão e por unanimidade, que o sr. governador instasse ainda com aquele senhor no mesmo propósito, o que o sr. governador prometeu fazer.

Não havendo outro assunto a tratar terminou esta reunião às doze horas e quarenta e cinco minutos.

(a) Inocêncio Camacho Rodrigues, João da Mota Gomes Júnior, Rui Enes Ulrich, António José Pereira Júnior, Fernando Emídio da Silva, José Caeiro da Mata, João Teotónio Pereira Júnior, Manuel do Casal Ribeiro de Carvalho, Ramiro Leão, José de Assis Camilo e Manuel António Dias Ferreira.

Leram? Agora meditem um pouco sobre o caso.

O gesto dos Catões

Já meditaram? E' concludente, sim. Este documento e o relatório moral da direcção do Banco emissor, sobre quem recaem as mais graves acusações.

Notas & Comentários | O hospital Estefânia é um dos estabelecimentos queumas leves reparações tornarão uma agradável casa de saúde

Incontestável

O Rebate, órgão do partido imundo chefiado por essa criatura barbuda e sinistra que se chama António Maria da Silva, afirmava ontem que A Batalha não é órgão do operariado. Não estamos dispostos a perder tempo com aqueles sabios Castórios que dão óptimos governadores das colônias portuguesas... Discutir com o Rebate, tão mal escrito, tão gaguejante, é para nós tarefa difícil. Não somos suficientemente estúpidos para confundir-lo. Lembramo-nos de que por várias vezes aquele democrático papeteiro nos tem chamado órgão do operariado... Não compreendemos a mudança de opinião. Mas o principal, o incontestável é que o Rebate, em nossa opinião, pela sua perfídia, pela maneira impudica como encobre os ladrões, o verdadeiro, o autêntico órgão do partido democrático, chefiado pelo tenebroso António Maria.

Onde lhe do

O Século, dirigido pelo Trindade Coelho, velho amigo de Nuno Simões e Pinto de Lima, de quem diz cobras e lagartos, pretende agora, que lhe estragamos a campanha que vinha fazendo favorável ao Banco Ultramarino, Banco de Portugal, Burnay, Fonseca, Santos & Viana e Alfredo da Silva, intrigar-nos com o proletariado. Instintivamente nós estamos fazendo o jôgo do sr. Alpoim e que este, pelo facto de ter revelado verdades escandalosas, podres hediondas da administração do Banco de Portugal, se entregou nos braços da C. G. T. Nem o sr. Alpoim fala em nome do operariado, nem tampouco necessita que nós falemos em seu nome. Cada um em sua casa procede como entende. Ele combate o Banco de Portugal? Também nós. E' natural que sem previsões combinações, que nunca aceitámos, nem aceitaremos, as nossas vozes se confundam, ao proferir as mesmas verdades. E' dessas verdades que O Século tem medo—e não da fantástica aliança que inventou para, como é seu hábito, mais uma vez desorientar a opinião pública.

Lá como cá...

BUCAREST, 7.—As autoridades desmentem que o grande escândalo de falsificação de notas de banco tenha qualquer carácter político. Trata-se simplesmente dum grande bando de falsificadores e passadores de moeda falsa, da qual faziam parte altas individualidades.

Este telegrama é, no seu laconismo, expressivo e eloquente. Por ele ficamos sabendo que Cá e lá Inocentes há.

O VESUVIO

NAPOLES, 7.—O Vesuvio iniciou um novo período de erupção com fortes explosões, supondo-se não existir perigo de maior.

Vamos prosseguir na digressão pelos hospitais civis, fazendo passar pelo nosso eranfórdas as mazelas e virtudes que se nos desparam. Entremos agora no hospital Estefânia, o estabelecimento criado pela mulher de D. Pedro V, a rainha D. Estefânia, e inaugurado em 1877. A nossa visita fez-se ontem, a meio da tarde e prolongou-se até à hora do crepúsculo, quando os raios solares estavam no ocaso. No hospital Estefânia, especialmente destinado à clínica de pediatria, faz-se hoje clínica geral, interno, e hoje crianças e adultos. E' um estabelecimento, confessamo-lo, com grande satisfação, alegre, onde os rigores da doença são contrabalançados pela higiene das dependências e pelo desvaneçido carinho do seu pessoal, tão afectivo que parece pertencer a família dos internados.

Na visita ao estabelecimento foram os redactores da Batalha acompanhados pelo engenheiro sr. Prazeres, já conhecido dos nossos leitores e por isso com a apresentação já feita e pela sr. D. Maria do Rosário Santos Rêgo, fiscal daquela casa de saúde que para com os nossos representantes foi duma gentileza que muito nos sensibilizou, prestando-se com uma amabilidade cativante a acompanhar-nos na demorada visita. D. Maria do Rosário é um dos mais antigos funcionários hospitalares. 30 anos de serviço cumularam-na de simpáticas de todo o pessoal e dos seus superiores. E' esta senhora que nos conduz à enfermaria Santa Estefânia, de que é enfermeira-chefe D. Luisa Ribeiro, onde a petisa é alegre gorjeio brinca sobre as camas, pelos corredores e pelo terraço.

Esta enfermaria que tem quatro dependências, todas elas destinadas a cirurgia, pertence à Faculdade de Medicina, sendo seu director o dr. Salazar de Sousa. Muito aceito e muita luz. Umas pequenas reparações torná-la-iam boa, mesmo muito boa.

Pelas mesas dispersos, brinquedos para as crianças que os desprazem por falta de originalidade, que lhes não ligam importância, por serem já velhos companheiros... O cuidado do pessoal, o grande afecto pelas crianças começa aqui a revelar-se, tem quase que a sua expressão máxima. D. Nadege Silvestre, uma das enfermeiras, acaricia um dos internados como se de um filhote se tratasse. O petiz, alegre, expressivo, viva, olha-a com ternura e parte risonho, alheio ao destino que o aguarda.

A amplitude dessa enfermaria levou o engenheiro sr. Prazeres ao seguinte comentário:

—A tendência moderna da hospitalização não é esta que os senhores vêm aqui. As enfermarias modernas têm apenas a capacidade para pouco mais de 10 doentes, aí uns 100 serviços clínicos e de enfermagem se-

A-pesar-da panaceia do regulamento à lei sobre horário de trabalho em todo o país as transgressões são contínuas

Uma das mais velhas aspirações do operariado, aquela que em mais duma década de anos figurou no ílabaro das suas reclamações colectivas, foi incontestavelmente a do dia de 8 horas de trabalho. Durante esse longo lapso de tempo, que precede ainda dos primórdios da República, as associações de classe com tal denodo se lançaram na conquista dessa reclamação, com tal afan organizaram a ofensiva contra o patronato, perante a onda que o ameaçava, legislou sobre a jornada de trabalho. E fê-lo, não porque lhe fosse simpático o desejo do operariado, mas porque algumas classes, nomeadamente as da construção civil, já tinham reivindicado ao patronato o dia de 8 horas. O grande gesto do poder legislativo da República, para aquelas classes que por várias razões não podiam reivindicar o horário de trabalho, pareceu aproveitar muito, e vá de incansar-se os republicanos por viram ao encontro das aspirações do operariado...

Posta em execução a doutrina desse decreto a que deram o n.º 5516, surgiram logo as transgressões ao horário, apenas hipoteticamente punidas por lei. E as classes que pareciam aproveitar do decreto referido foram então as primeiras a gritar contra a burla, as primeiras a insurgir-se contra o pouco respeito à lei. Como tudo na vida tem justificação, por mais inverosímil que seja, disse-se que uma das causas das infracções à lei residiam precisamente na falta da sua regulamentação. Reclama-se o Regulamento à lei e um dia o Parlamento expectora-o, o que veio abrir uma clareira de alegria nos cérebros dos que ainda confiam no respeito pe-

las. Só aquelas classes que possuem uma organização cuidada, só aquelas classes que tinham espírito combativo despregaram a panaceia da lei e do seu regulamento e entregaram-se com entusiasmo à defesa das 8 horas.

Coincidiu com o aparecimento do supramencionado Regulamento a ofensiva que ia vulnerando gravemente essa regalia do operariado. Que verificámos então nós? Simplesmente esta coisa assombrosa: exactamente quando a lei era regulamentada o patronato oferecia privilégios atraentes, a mais formal desprézo aos rigores da lei para os contraventores. Entrámos então numa fase muito crítica. A lei era menos respeitada agora do que quando não estava regulamentada! A lei era agora espesinhada pelas grandes empresas, pelas empresas que ainda temem a respeitar a lei.

E uma das causas particulares dessa transgressão, uma das razões

dêsse atropelo encontram-se na crise de trabalho, conquanto pareça paradoxal a afirmação. Encontramo-nos na crise, porque o patronato em face da situação obr

sem mais eficazes e de melhor aproveitamento. Como a enfermaria já existia e apenas houve de se fazer reparações, essa tendência não pode ser respeitada como desejo.

A visita prossegue e depois da passagem pelos quartos particulares e por outras dependências a que só podemos referir-nos lisonjeiramente chegámos aos chamados pavilhões que galgámos dum jacto e se nos separaram em condições regulares, convidando apenas reparar aqui e melhorar acolá, obra que não será difícil se fôr facilitado o fim em vista pelo dr. sr. João Pais de Vasconcelos, que é o de melhores também éste hospital.

Já nos claustros, com o largo tapete ver-dejante que fica ao centro umifíscio olhar para a galeria onde algumas crianças nos acenam com as mãoszinhas, misturando aos seus gestos o chilreio da sua inocência.

Estava terminada a visita. Os nossos cumprimentos de despedida à D. Maria do Rosário e viemos para a redacção intimamente convencidos de que o hospital Esteñânia não desmente o conceito popular que diz ser ele o melhor estabelecimento hospitalar da cidade dos "inocêncios".

O operariado aplaude a atitude de "A Batalha" em face das oligarquias financeiras

A campanha que "A Batalha" vem sustentando contra a alta finança tem sido alvo dos mais rasgados aplausos de todas as pessoas de bem. Inúmeras criaturas nos têm visitado para nos felicitarem. Bastantes são também as cartas de felicitação que temos recebido. Mas além destas manifestações individuais de simpatia, é-nos grato registrar que os organismos operários nas suas reuniões, se manifestam favoravelmente à nossa atitude. Estas manifestações, que nos desvanecem, dão-nos ânimo para continuar lutando contra o mais poderoso inimigo do proletariado.

Da Federação Metalúrgica recebemos ontem a seguinte saudação que gostosamente publicamos:

O Conselho Federal na sua reunião de entem aprovou uma entusiástica saudação à "Batalha" pela atitude que ela tem tomado em face dos enormes escândalos que últimamente têm vindo a público, e exorta-a a prosseguir até completa destruição da sociedade capitalista.

GIMNASIO
Brevemente sobr à cena a nova peça "Tia Andreza", que em Espanha obteve um esplendoroso sucesso.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manufactores de Calçados».—Reúna amanhã, às 20 horas, para apreciação do balanço e nomeação da comissão revisora de contas, devendo comparecer todos os componentes.

SOCORRO VERMELHO — A-fim de apresentar o relatório do mês de Dezembro, que deve ser presente à reunião do Comité Central que se efectua no próximo Domingo pelas 15 horas, reúnam extraordinariamente, hoje, pelas 21 horas, o Secretariado Geral.

GRUPO EXCURSIONISTA UNIÃO DE VILAR SÉCO.—Hoje, pelas 21 horas, reúnem os corpos gerentes, nomeados na última assembleia geral, para 1923, a-fim de tomarem posse dos seus cargos.

Francês sem mestre
por GONÇALVES PEREIRA
1 volume de 400 páginas 15\$00
Pelo correio 16\$50.
Pedidos à administração de "A Batalha".

MALAS POSTAIS
Pelo paquete "Andorinha" são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira e, por via Funchal, para a África Austral, Cape Town, Elisabeth e África Oriental.

Da Estação Central dos Correios recebe-se correspondência para registo até às 11 horas e das ordinárias até às 13 horas.

FOOT-BALL
Digno de nota o trabalho da gentil Hortense Luz na revista "Foot-Ball", em pleno sucesso no popular Maria Vitoria.

CONFERÊNCIAS

A propaganda da causa da Proteção aos Animais

Na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, realiza hoje, pelas 21 horas, o dr. sr. Júlio Eduardo dos Santos, uma conferência sobre "A propaganda da causa da Proteção aos Animais".

Em seguida haverá uma sessão cinematográfica educativa.

A crise actual e forma segura de a resolver pelo dr. sr. Reis Santos

A segunda conferência da série que a Associação de Classe dos Empregados de Escritório está realizando, efectua-se no próximo domingo, na sua sede, rua da Madalena, 225, 1º.

E' conferente o dr. sr. Reis Santos que disserá sobre "A crise actual e forma segura de a resolver", desenvolvendo o seguinte interessante tema: "Convencermos que não somos civilizados é a primeira condição para nos civilizarmos e para resolvirmos a crise actual".

**TEATRO: HOJE
SÃO LUIZ DEPOIS**
Últimas e definitivas das lindas operetas

A Montaria
A Canção do Olvido
Dois grandes êxitos
Na próxima semana:
A MOÇA DE CAMPANILLAS

Preparando o golpe

Recebemos da arcada a seguinte nota:

Tendo-se levantado em alguns jornais reparos sobre a falta de procedimento disciplinar por parte do ministério da justiça contra o juiz sr. Pinto de Magalhães, pela forma como tem procedido no célebre caso do Banco Angola e Metrópole, convém notar que o Poder Executivo não tem ação disciplinar directa sobre os magistrados judiciais porque esta é exercida pelo Conselho Superior Judiciário. Sabemos, porém, que a este conselho já foi apresentada queixa, tendo sido encarregado um inspector de inquirir do fundamento daquela que respeita à organização do processo que esteve a cargo do mesmo juiz sr. Pinto de Magalhães, e tomará as necessárias providências acerca de quaisquer outras atitudes irregulares do referido magistrado, contrárias aos deveres profissionais e ao seu prestígio de juiz.

Começo se vê o golpe está sendo preparado com astúcia. A honestidade premeia-se com todas as censuras e castigos, o crime é alvo de todos os aplausos.

Bate cerio...

SÃO LUIZ

Continuam as encherias e os aplausos neste teatro, onde imperam as graciosas operetas "Montaria" e "Canção do Olvido".

As intermináveis conspirações gregas

ATENAS, 7.—O general Pangalos, presidente do conselho, declarou ter sido descoberta uma conspiração anti-veneziliana tendo por fim conseguir o regresso do rei Jorge ao trono da Grécia, conspiração organizada em virtude do general se ter recusado a realizar eleições.

O general Pangalos demitiu vários membros do seu gabinete, como medida de economia.

SOLIDARIEDADE

A festa pré-José dos Santos

A comissão organizadora da festa em auxílio de José dos Santos, realizada no passado domingo, pede-nos para, por intermédio do nosso jornal, manifestar o seu profundo reconhecimento a todos aqueles que contribuíram para o brilhantismo da referida festa, fazendo especial menção ao grupo dramático 8 de Abril. Troupe Fa-miliar Harmonia.

Vejam a quanto desceram os estudos espirituais que querem andar para traz!

Detestam a fórmula que institui, em secretário geral, preferindo a velha, que tem o "manequim" da presidência!

Querem a fórmula antiga, porque infelizmente percebem tanto da moderna como eu dum lagar de azeite... e a prova é que pretendem substituí-la.

Querem o vulto do presidente para o ceremonial, de fita a tiracolo, bigodes à Kaiser, dispondo da classe, como se dispõe de irracionais.

A fórmula moderna não convém igualmente ao sr. Jaime Coutinho, político mór da Marinha, porque lhe é desta maneira mais difícil engodar os operários.

Quere um "arlequim" representativo, para o ludibriar, para o armar, e fazer dele o que tem feito de muitos na Marinha Grande.

Armou em conselheiro, e não me repugna acreditar que tivesse insinuado, que o Sindicato corria o risco grave de ser encerrado devido a não ter estatutos aprovados.

Que grande ingenuidade, a dos grandes apóstolos da classe vidraceira!

E o sr. Jaime Coutinho, que papa leia a todas as refeições, não nos poderá dizer, em que parte do Código, ou que é, está expresso o parágrafo, que manda encerrar os sindicatos quando não têm estatutos?

Sempre gostaríamos de vêr, para em caso de ser verdadeiro o seu conselho, lhe rendermos "gracias", e em caso contrário, mandarmo-lo... fazer projectos, porque tal, de sobre tem engenho e arte.

Eu sei bem que a semana pretérita o meu sr. foi agitado, entre operários e o sr. Jaime Coutinho.

Desnecessário será dizer que se disse de mim cobras e lagartos. Resta-me a consolação, que não tiveram a dizer que em qualquer acto da minha vida, ha o mais pálido reflexo dum subversivismo, há a mais pequena demonstração de falta de critério.

O ano passado Manuel de Jesus Pedroso ventilou a questão da reforma dos estatutos ascendendo que já faria parte dos corpos gerentes, enquanto os estatutos não foram modificados.

De tal maneira o disse, e tão acendradamente defendeu a reforma que ela fez-se.

Foi devido à sua acção que, incontestavelmente, eles se reformaram.

Foi secundado por vários e entre eles José Azambuja Júnior. Este pretende destruir a obra do citado camarada.

Veja-se, agora, o critério dualista deste indivíduo; primeiro defendeu a reforma, porque, para o seu espírito de sindicalista (sic) repugnava-lhe que houvesse um presidente, que dissesse os seus companheiros como um roceiro dos seus escravos!

Hoje, diz que não concorda que um sindicato tenha um secretário-geral.

Para tornar convincente a sua patocada, estabelece o paralelo de que um presidente é um homem que impõe respeito—provavelmente é compadre do Ferreira do Amaral—e o secretário-geral, uma criança que não cala os bêbés.

E lança mão desta grande, desta excelsa tirada: não há rebanho sem pastor.

Provavelmente, o rebanho é a classe, e o pastor o que dispõe, violentamente, dos outros—é ele.

Velhacamente, como Judas, dizem que o sindicato corre o risco de ser encerrado pelas autoridades!

Ingenuos, ou espertalhões, que querem ludibriar os bem intencionados.

Mas, nós confiamos nos camaradas que compõem a classe. Ainda não será desta vez que os falsos amigos dos vidraceiros verão por terra o sindicato.

Não preside a esta acção, que pretendem fazer os agentes do P. R. P. dentro do Sindicato, mas que não se seja o espírito da malade.

Querem levar a classe à ruina. Depois, terem debaixo da pata toda a malta, como costumam dizer.

Romântico é que haja indivíduos que hajam de tratar de todos os tempos!

Clássico é que haja indivíduos que hajam de despolir!

Brilhante é que haja indivíduos que hajam de fantasizar!

Esplêndido é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

Finalmente é que haja indivíduos que hajam de inventar!

MARCO POSTAL

Coimbra.—A. S. Januário.—Mandámos o suplemento do dia 5 para todos os nossos agentes. Está completamente esgotado.

Plymouth.—M. Abreu.—Recebemos segue carta.

AGENDA

CALENDARIO DE JANEIRO

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
T.	12	19	26	Aparece às 7,55	
Q.	13	20	27	Desaparece às 17,31	
W.	14	21	28	FASES DA LUA	
S.	15	22	29	L. C. dia 14 às 27	
S.	16	23	30	O.M. * 7 * 14,41	
D.	17	24	31	L.N. * 7 * 19,5	
				O.C. * 20 * 11,8	

MARES DE HOJE

Praiamar às 9,22 e às 9,56

Baixamar às 2,20 e às 2,52

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	
Madrid cheque	2577	
Paris, cheque...	76	
Sulca...	3380	
Bruxelas cheque	89	
New-York	1960	
Amsterdão	7590	
Hália, cheque...	79	
Brasil, ...	2955	
Praga, ...	558	
Suecia, cheque.	526	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4368	

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Carlos.—A's 21,30—«Os Homens de Hoje». Trindade.—A's 21,30—«Clô Clô». Politeama.—A's 21,30—«As Tentações». Cinema São Luís.—A's 21,15—«Vida e Doçura». Teatro—A's 21,15—«A Taberna». São Bento—A's 21,15—«Montanhas e Canção do Olival».

Penha—A's 21,15—«O Pão de Ló».

Edm—A's 20,45 e 22,45—«Fungás».

Maria Vitória—A's 20,30 e 22,30—«Foot-Balls».

Salão 90—A's 9,45—«Pirilóto» Anatomatório e Variiedades.

Cinema Chi Vicente (à Graça)—Espectáculos às 3,30, sábados e domingos com matinée».

Teatro Parque—Todas as noites. Concertos e discursos.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terreiro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande fábrica de Limas Nacional vende direto ao grande lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras visto que as suas fábricas só produzem "Touros".

MARCAS REGISTADAS UNIÃO, TORNEL, LIMA, LIMA, RIVAGUM em prego qualificadas como as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferramentas país.

Pregão de revolta
Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registrado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A sair por estes dias a 9.ª SÉRIE
DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no gênero se publica

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 50\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A Batalha.

— Com o vosso amigo Lefèvre...

Cristiano ficou mudo de espanto, e depois dirigiu-se ao sr. João:

— O meu espanto é grande. Lefèvre é um homem austero, absorvido pela ciência e pelo estudo. Que relações pode ele ter com esse devasso?

— Pois se estais surpreendido, cunhado, não o estou eu menos do que vós, replicou o soldado. O capitão Loyola que eu vi, há quatorze anos, o mais belo e o mais gentil cavaleiro, coberto de veludo, seda e rendas, está hoje tão esfarrapado como um ratoneiro; e eu não reconheceria o meu belo capitão neste estado se não fosse Lefèvre, que preguntando-me por vós me deixou examinar de perto o seu companheiro esfarrapado.

— As suas relações com Lefèvre surpreendem-me de tal modo, Josefino, que tanto como o nosso hóspede estou impaciente por vos ouvir.

— Era pois em 1521, durante o cércio de Pamplona,

começou o aventureiro, eu tinha quinze anos, e havia-me recentemente alistado entre os soldados franceses.

Um dia cavava com os meus companheiros uma trincheira junto da praça; os espanhóis fizeram uma sorte para destruir as nossas obras, às primeiras arcabuzadas os meus companheiros lançaram-se por terra, com o nariz metido no buraco; a sua cobardia revoltou-me, e armei-me com uma picareta, lançando-me no bárulho, dando para a direita e para a esquerda sobre os espanhóis.

Um golpe de uma acha de armas deitou-me para terra, e quando tornei a mim achei-me no campo da batalha entre muitos dos nossos, prisioneiros assim como eu estava. Cercava-nos uma companhia de arcabuzeiros espanhóis, o seu capitão com a viseira do capacete levantada, montado num cavalo mourisco, negro como o ébano, vestido de veludo vermelho bordado de prata, enxugava a comprida espada que estava toda cheia de sangue, na crina do cavalo.

O tal capitão era B. Inácio de Loyola; e ergode negrō levantando a cesteirana, mosca no queixo, rosto

**CONSELHO TÉCNICO
DA
CONSTRUÇÃO CIVIL**

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A, 2º

DR. ARMANDO NARCISO
Médico do Hospital de Santa Maria
CLÍNICA MEDICA
Consultório: Rua Nova de S. Domingos,
nº 68, 1º
Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao lado
do Clube Cívico)
CLÍNICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1º
TELEFONE C. 4186
Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.
ISQUEIROS
Pedras, Metal, Aver, vendendo no LATA, do Conde Barão. Dúzia: \$40; 100, 25\$00 milheiro, 25\$00.
Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Por 1\$000 réis
20.000 tesouras fechadas e canivetes Soling. Parcerias de hóteis p. puas. Cadeados (artigo alemão). Revende por 9\$00. Remetemos amostras e pedimos, o que garantimos, à compra do correio.

S. M. SERETO
R. Arco do Bandeira, 159—LISBOA

LIMAS NACIONAIS
Só a grande fábrica de Limas Nacional vende direto ao grande lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras visto que as suas fábricas só produzem "Touros".

MARCAS REGISTADAS UNIÃO, TORNEL, LIMA, LIMA, RIVAGUM em prego qualificadas como as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferramentas país.

Renovalação
Revista Gráfica
A 12 15 de cada mês

Preço esc 1,50

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

— Encontrado, ar intrépido, aparência ativa e guerreira, eis aqui o seu retrato. Vira-me combatendo os seus soldados, e graças à minha picareta e à minha mocidade, pôs-se a rir para mim, dizendo-me em francês:

— Queres ser meu pagem? O teu rosto esperto anuncia um maroto inteligente; dar-te-hei uma libré de veludo vermelho e prateada, um duçado em cada mês e terás mesa franca no meu palácio... Ah! cunhado, mesa franca, eu de quem o estômago estava sempre vazio como o tunel de São Benedito! vestir uma bela libré vermelha e prateada, quando os meus calções me anunciamavam, havia já muito tempo, donde soprava o vento! receber cada mês um duçado, eu que não tinha ainda tirado em tódas a longa campanha senão uma tigela de madeira, que me servia de chapéu lancei um grito em sinal de alegria, e respondi a D. Inácio que o seguiria a casa de todos os diabos do inferno, e logo depois entrei em Pamplona com o meu novo patrão.

— Isso parece-me extraordinário — replicou Cristiano. — Que serviço podia prestar a D. Inácio um pâgan que nem sequer sabia a língua do país?

— Ah! é por isso mesmo que ele me tomava para o seu serviço! Oh! o tal D. Inácio é um refinado patifal. Apenas chegou a casa dele, um velho mordomo, única pessoa da sua gente que falava francês, mandou-me equipar de novo desde os pés até à cabeça; calções de veludo vermelho, corpete de setim branco, capa curta com galões de prata, gorgonha e touca à espanhola, e eis-me ataviado como um verdadeiro págem de corte. Eu tinha então os meus dois olhos, que eram dois verdadeiros fachos de malícia! o focinho astuto dum pâgan! Assim vestido de ponto em branco, o mordomo apresentou-me ao capitão Loyola.

— Sabes porque — me disse ele — eu te tomo para o págem, tu francês? E porque, não sabendo tu o espanhol, não terás outro remédio senão ser discreto, não só com a gente de minha casa, mas também com a de fora...

— Isto não é mal imaginado — disse Cristiano.

OS MISTERIOS DO POVO

— Conheci-lhe as três amantes ao mesmo tempo: uma interessante mercadora, uma ativa marquesa e uma endiabrida cigana, a mais bela rapariga da Boémia que já malhas fez resorar um pandeiro. O capitão Loyola era um verdadeiro sapador de amor; vestia sempre as suas conquistas dum certo mistério... «O que é ignorado não existe», dizia-me muitas vezes o velho mordomo.

— O que é ignorado não existe... — repetiu o sr. João com ar pensativo. — Sim, a juigar por estas palavras, deve ser efectivamente esse o homem que me tem sido descrito.

— Agora escutai a história da primeira noite em que servi de págem ao sr. D. Inácio, e conhecê-lo-heis!

Foi convencionada uma trégua de 15 dias entre franceses e espanhóis logo em seguida à sortida em que eu fôra feito prisioneiro; o capitão Loyola, como homem esperto, quis aproveitar-se da trégua para os seus amores.

— Pela meia noite chamou-me para junto de si. Diabol!

Se ele era marcial com a sua armadura de batalha, era encantador com o seu vestido da corte! Deu-me uma escada de seda e uma guitarra, tomou o seu punhal e a sua espada, envolveu-se num capote escuro, e embrulhou-se até aos olhos; o velho mordomo abriu-nos uma porta oculta, deixámos a casa e depois de atravessarmos algumas ruas estreitas, chegámos a uma praça das esplanadas.

— D. Inácio tinha, segundo julgo, segredos amados a guardar.

— Pelo ventre de São Queneti

conheci-lhe as três amantes ao mesmo tempo: uma interessante mercadora, uma ativa marquesa e uma endiabrida cigana, a mais bela rapariga da Boémia que já malhas fez resorar um pandeiro. O capitão Loyola era um verdadeiro sapador de amor; vestia sempre as suas conquistas dum certo mistério... «O que é ignorado não existe», dizia-me muitas vezes o velho mordomo.

— O que é ignorado não existe... — repetiu o sr. João com ar pensativo. — Sim, a juigar por estas palavras, deve ser efectivamente esse o homem que me tem sido descrito.

— Agora escutai a história da primeira noite em que servi de págem ao sr. D. Inácio, e conhecê-lo-heis!

Foi convencionada uma trégua de 15 dias entre franceses e espanhóis logo em seguida à sortida em que eu fôra feito prisioneiro; o capitão Loyola, como homem esperto, quis aproveitar-se da trégua para os seus amores.

— Pela meia noite chamou-me para junto de si. Diabol!

Se ele era marcial com a sua armadura de batalha, era encantador com o seu vestido da corte! Deu-me uma escada de seda e uma guitarra, tomou o seu punhal e a sua espada, envolveu-se num capote escuro, e embrulhou-se até aos olhos; o velho mordomo abriu-nos uma porta oculta, deixámos a casa e depois

A BATALHA

NO LABIRINTO RUSSO...

Leninegrado contra Moscóvia

A derrota de Zinovieff não consolidou o triunfo de Staline e as medidas tomadas não reprimiram a oposição no partido comunista

Não se dissipou ainda o nevoeiro que desce sobre a política russa. De longe, Moscovo impôs, com um gesto que não diminuiu a impossibilidade da sua face, o maior silêncio. Nada diz a imprensa comunista, que está sob a ameaça de excomunhão, a mesma ameaça que pesa sobre todas as atitudes que desagradem às autoridades vermelhas. Comegam sendo publicadas as actas do congresso, que a fieira rigorosa do Kremlin bolchevista parcializou de tal forma que o nome de Zinovieff raras vezes aparece registado. As informações do estrangeiro são contraditórias,umas desmentindo outras, e todas expedidas pela agência telegráfica Tass, subsidiada pelo governo russo, e associada à agência burguesa Havas.

De modo que não se ganha uma ideia exacta das discussões havidas; sómente, as hipóteses engendram um labirinto tenebroso e tortuoso — um labirinto que nós osuamos cruzar em todas as direções, seguros da impunidade que nos concede o sr. Stalin...

Ainda se sentem rumores de luta. A facção de Zinovieff, constituída por militantes de Leninegrado e que tem uma forte influência na III Internacional, ora em luta contra o partido comunista e o governo central, foi derrotada, mas não foi submetida, a-pesar da seguinte declaração atribuída a Zinovieff:

"As decisões do XIV Congresso Comunista são obrigatorias para nós, como o são para todos os militantes comunistas."

Para se extinguir os «desvios» se interdita toda a discussão

Contudo, a submissão de Zinovieff não é muito franca, e prevê-se que a sua facção resistirá, não se sabe até onde. Zinovieff declarou no congresso, no momento da sua derrota, que a minoria não pretende abrir um scisma no Partido com a sua aberta discordância da política que a Rússia vem seguindo; porém, as resoluções dos congressos nem sempre foram unâmidas e nem sempre constituíram leis para as minorias.

Os adversários de Zinovieff insurgiram-se contra esta declaração que, em boa verdade, não confirmava quaisquer disposição de submissão. A nós, extranhos à luta, parece realmente que a submissão de Zinovieff se pode comparar à submissão de um chefe de cabila rifena...

Rikov, presidente do conselho de comissários de povo, cuja figura se apaga nesta baralha, a-pesar do seu valor mental — atacou vigorosamente a facção de Leninegrado, acusando-a de infringir a disciplina comunista com o prosseguimento da polémica depois das decisões «formais» do congresso. Enfim, apelou para os comunistas de Leninegrado se reintegrem na «solidariedade» do partido, observando estritamente todas as suas regras disciplinares.

O congresso havia já resolvido, por uma fortíssima maioria, que a direção do Partido Comunista tomasse as medidas necessárias para inutilizar todos os «desvios» de tática, tanto fôssem praticados pela direita como pela extrema esquerda. Não foi difícil, pois, que o apelo de Rikov fosse aprovado.

Nem esta atitude conseguiu extinguir a oposição de Zinovieff, que era apoiada por madame Kroupskaja, a viúva de Lenin, por Kameneff e por Sokolnikoff. Ao lado de Stalin se colocaram, por sua vez, Rikov e Boukhrine.

Este antagonismo preocupa seriamente todo o partido comunista, cujo organismo jornalístico, o Praoda, considera que toda a discussão deve ser interditada, tão «perigosa» se torna.

O actual regime económico tem as características do capitalismo

A facção de Leninegrado foi alvo de uma fusilaria de acusações. Ela é acusada de pretender dividir pelo pânico, de liquidar a revolução, de capitular, de ser pessimista, menchevista, demagogia, anti-leninista, axé-história, revisionista, escisionista, fracionista e histerica. Estas acusações, que fazem rir gostosamente os ocidentais, podem ser mortais dos mais rigorosos castigos.

Já no congresso, a oposição viu contrariada a sua liberdade de expressão. Kameneff não foi «qualificado» para apresentar a tese oposicionista acerca da política russa. Este personagem e o seu amigo Zinovieff foram apontados por Rikov como os intérpretes de todos os descontentamentos. Mas Kameneff e Zinovieff retorquiram que os descontentes e, com elas, a oposição, cresceriam ainda mais no futuro...

Finalmente, o representante da comissão de controle, Konibycheff, acusou Zinovieff de haver organizado «ilegalmente», clandestinamente, um centro político em Leninegrado, com o objectivo de orientar o Partido Comunista fora da gestão do comité central. E madame Kroupskaja, no seu discurso, retrucou com uma acusação a Boukhrine de haver gritado aos camponeses a senha: «Enriqueci-vos!» Depois acusou o comité central de se ter inclinado a suprir o monopólio do comércio exterior, não o tendo feito por a isso se opor Zinovieff.

Outro aspecto curioso deste conflito de fato é ter a irmã de Lenin, Maria Ilinitchna, feito um cerrado ataque à exposição de madame Kroupskaja.

Veiu depois o sr. Sokolnikoff, comissário das finanças, partidário da oposição, afirmar que o actual regime económico russo tem a feição do capitalista. «O nosso sistema monetário», disse também — é um sistema capitalista; os nossos bancos não são mais que instituições capitalistas. O monopólio do comércio exterior funciona segundo as regras capitalistas e o socialismo, afinal, não está realizado em uma só fábrica. Acusou também o sr. Stalin de desejar a rápida industrialização da Rússia, com a interferência do capitalismo estrangeiro.

O sr. Rikov desagradiu-se e volveu a sr. Sokolnikoff a acusação de desejar para a Rússia um regime igual ao de Dawes na Alemanha.

CRISE DE TRABALHO

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo juntamente com o delegado da Federação da Construção Civil foram ontem recebidos pelo chefe de gabinete do ministério do Comércio, a quem expuseram a situação em que se encontravam os operários da indústria, resultado da grande crise de trabalho que atraíram e do retraimento de capital para a acabamento das obras em construção, assim como para novas propriedades a fazerem-se e falta de verba para as obras do Estado, dando resultado da não admissão de operários sem trabalho.

Respondeu à comissão que aquele ministro não podia recebê-la pelo motivo de estarem com ele os respectivos diretores tratando do despacho das secretarias, e portanto que lhe ia participar as reclamações dos dois organismos e que hoje compareceriam às 14 horas para falar com o ministro, a-fim de saberem as resoluções a tomar.

A-fim de tomarem conhecimento de um assunto importante que se relaciona com o atenuamento da crise de trabalho, convide-se todos os operários da Construção Civil que se encontram sem trabalho a comparecerem hoje, pelas 13 horas, na sede central, calçada do Combro, 33-A-2º.

Pintores da construção naval e anexos

A comissão administrativa convida todos os associados que estão sem trabalho a virem à sede do Sindicato inscreverem-se todos os operários da Construção Civil que se encontram sem trabalho a comparecerem hoje, pelas 13 horas, na sede central, calçada do Combro, 33-A-2º.

29 pessoas feridas no «Metro»

PARIS, 7.—No metropolitano deu-se a noite passada um choque entre dois comboios, na linha norte-sul, tendo ficado 29 pessoas feridas.

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Proteção à maternidade no Panamá

Na Gaceta Oficial, do Panamá, foi publicado um decreto determinando que as empregadas dos correios, telegrafos e telefonos não devem trabalhar durante o período de gravidez e até que o filho tenha um ano de idade. Considerou o governo necessária esta providência por entender que durante esse tempo as empregadas não desempenham com o preciso zelo as suas funções. Por isso logo que se encontrarem em condições de o fazer são reintegradas nos seus postos.

Sindicalização dos intelectuais na Suíça

Werner Schmidt publica na revista Der Geistesarbeiter um artigo acerca da situação dos trabalhadores intelectuais na Suíça. Declara o articulista que os sindicatos dos artistas, dos médicos, de advogados, de professores, de engenheiros e arquitectos tomam pouco interesse pelos organismos mais importantes e pelas relações que devem manter com os demais sindicatos profissionais. Preconisa a reorganização sindical dos intelectuais suíços e a reunião dos presidentes e secretários dos sindicatos existentes para tratar de:

— melhorar a situação económica dos trabalhadores intelectuais;

— efectuar um inquérito sobre a administração e «paro» dos mesmos trabalhadores;

— regularizar as migrações desses profissionais em colaboração com as organizações competentes dos outros países;

— assegurar a orientação profissional dos interessados e um serviço de informações gratuitas sobre todas as questões que se referem a estes trabalhadores;

— criar um grupo parlamentar nos consulados de todos os cantões e principalmente na Assemblea Federal para defesa dos interesses dos obreiros intelectuais.

Direito internacional operário no Uruguai e Argentina

Devido ao concurso que o director da Repartição Internacional do Trabalho conseguiu obter na sua recente viagem à América do Sul, quer dos governos quer de personalidades de várias facções políticas, a ratificação das convenções internacionais continua nesses países com sucesso.

No Uruguai, o Presidente da República enviou uma mensagem ao Parlamento solicitando a aprovação das convenções adotadas nas conferências de 1919, 1920 e 1921, principalmente a concernente ao horário de trabalho.

O parlamento argentino também foi convocado a reunir extraordinariamente para ratificar convenções internacionais.

Anuario Internacional do Trabalho

Devido ao diligente esforço da Repartição Internacional do Trabalho foi agoradada uma separata do Anuario International do Travail, a qual é referente aos organismos da Sociedade das Nações e serviços organizados em diferentes países para questões de trabalho. Neste fascículo encontra-se uma nomenclatura dos serviços administrativos do labor da cidade Livre de Danzig, da Islandia, do Estado Livre da Islandia, da Letonia, da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas, inclusive da federativa da Rússia, do Território de Serra e da Turquia.

Este fascículo, como todas as publicações da Repartição Internacional do Trabalho, podem ser adquiridas em Lisboa, por intermédio da Livraria Sá da Costa, largo do Poço Novo, e o correspondente das Informações Sociais — rua de São Bernardo, 93, 1º — presta quaisquer informações referentes à Repartição Internacional do Trabalho.

Características do movimento sindical na Jugoslavia

A ação do movimento operário na Jugoslavia determina-se por várias influências, sendo a mais forte a influência dos reformistas, os quais predominam igualmente na Bolsa de Trabalho em Belgrado.

Os comunistas chegaram a atingir consideravelmente uma influência na Bolsa onde organizaram vários comités que orientavam a sua ação sindical segundo as suas pretensões declaradas. Em 1920, porém, o governo fez dissolver brutalmente aqueles comités e os sindicatos revolucionários, até então constituídos.

Os «comités» passaram a ser constituídos por reformistas, sob a proteção mais ou menos ostensiva do governo. Os seus mandatos vigorizaram por três anos, mas, em 1923, os reformistas, com o assentimento do governo, resolveram prorrogar esses mandatos, sem a lógica consulta ao operariado organizado. Assim perderam os comunistas a influência que haviam obtido no movimento sindical.

Desde então, os reformistas têm predominado quase completamente. Porém alguns sindicatos tornaram-se independentes e adotaram os métodos revolucionários sem abandonarem a Bolsa de Trabalho, e constituindo uma Central Sindical.

Mas a direção da Bolsa de Trabalho resolveu ultimamente excluir da sua organização os sindicatos independentes, sob a alegação de estarem eles influenciados pelos comunistas e de se furtarem à orientação da Bolsa.

A Central excluída, ao abrigo de certas disposições legais, resolveu recorrer para o ministério de previdência social, negando as acusações feitas. Mas o ministro rejeitou o recurso, argumentando que as declarações da Bolsa subsistiam, não podendo ser reconhecida, por isso, a organização económica dos sindicatos independentes.

Em vista da decisão do ministro da previdência social, os sindicatos independentes vão ser dissolvidos, extinguindo-se assim a última preocupação dos reformistas contra a concorrência dos comunistas.

29 pessoas feridas no «Metro»

PARIS, 7.—No metropolitano deu-se a noite passada um choque entre dois comboios, na linha norte-sul, tendo ficado 29 pessoas feridas.

Na Sociedade das Malhas, de Coimbra

Vida Sindical

Os empregados despedidos resolvem-se, enfim, a falar...

Domingo, ao caer da tarde, quando o povo de Coimbra retirava do comício realizado no teatro Avenida, onde energicamente se protestava contra a formidável burla do Angolo e Metrópole, encontrámos em Sansão dois ex-empregados da Sociedade das Malhas. O acaso proporcionava-nos um magnífico ensejo de obter informações seguras acerca dos boatos que corriam e aproveitámo-lo.

Iamos a iniciar uma espécie de entrevista quando outros ex-empregados se acercaram também, tomando vivamente parte na conversa.

— Então como decorreram os serviços fabris durante a actual gerência? — perguntamos.

— Pessimamente! Não calcula! Tem sido um desastre: produção insignificante e má, quase tudo ruído e obra com defeito.

— É verdade que em 7 meses se fizeram cerca de 2.000 quilos de desperdícios?

— Sim, senhor. Há dias foram vendidos 1932 quilos de desperdícios em fio e malha de algodão e seda para a firma Santos & Silva, da Covilhã, crêmos que a 5\$00 cada quilo.

— E em quanto se pode avaliar esse prejuízo?

— É difícil responder neste momento — esclarece um ex-empregado. Há fios de diversas qualidades e preços, mas como a maior quantidade dos desperdícios eram de algodões finos mercerizados e seda, pode atribuir-se um preço médio de 70\$00 por quilo, ou seja um valor total de cerca de 139 contos. Juntemos agora o custo da mão-de-obra e outras despesas de fabricação, visto a maior parte dos desperdícios pertencem aos desperdícios serem em malha, e não andaremos muito longe da verdade se calcularmos o prejuízo em cerca de 200 contos!

— Então a gerência e os mestres não procuraram remediar o mal?

— Qual história!... Eles não percebem nada daquilo... E que mestres!... Olhe: um era barbeiro e agora é... desafinador de máquinas e guarda-portão. O outro (só dois irmãos) tem o pomposo título de mestre geral. Diz que sabe muito, porque foi industrial há muitos anos, mas «engorgou-se» de mostrar o seu saber diante do pessoal, e por isso nunca mexe nas máquinas. Só agora, que a fábrica está parada, é que eles trabalham...

— Mas trabalham em quê, com a fábrica parada?

— Ora, como são «alegros» fazem «mudanças»... de máquinas dumas secções para outras a fim de mostrarem aos sócios na próxima assembleia geral que têm feito alguma coisa... Tratam, como vê, de se esquecerem os lugares que têm!

— E quanto a moral desse senhor? Conforme-se, não é verdade, o que a Batalha disse?

— Diz que tanto a gerência actual como a anterior lhe não fornecem elementos e por isso não podia pôr a escrita em dia.

— Ora digam-me: consta que a actual gerência fez grandes economias por ter despedido alguns empregados que tinham grandes ordenados e admitido outros empregados mais baratos; é verdade?

— Vamos ver: já lhes deram a pagar — acrescenta outro. — Ao Faustino reduziram-lhe 10\$00 no ordenado e 70\$00 que tinha para renda de casa, sofreu baixa de posto e até já o fizeram andar a carregar lenha juntamente com as mulheres. Quanto ao Calisto teve já de pedir a demissão. A escrita está um verdadeiro caos e um guarda-livros que anda a fazer a sindicância diz que aquilo não tem conta por onde se lhe pegue. Nem o próprio Calisto sabe dar explicações e tem sido chamado o sr. Reis para prestar esclarecimentos.

— E o sr. Calisto como se defende?

— Diz que tanto a gerência actual como a anterior lhe não fornecem elementos e por isso não podia pôr a escrita em dia.

— Ora digam-me: consta que a actual gerência fez grandes economias por ter despedido alguns empregados que tinham grandes ordenados e admitido outros empregados mais baratos; é verdade?

— Considerando também que temos de proceder energeticamente contra semelhantes criaturas para que de futuro não se deem casos semelhantes: a assembleia geral reuniu-se em 4 p. p., resolve dar a sua confiança aos actuais corpos gerentes para que eles possam proceder judicialmente contra aqueles que, instados, se prove que de facto não querem pagar as quantias que desejavam.

— A assembleia — depois de grande discussão aprovou a seguinte moção:

— Considerando que, fiados na brandura

dos nossos hábitos, alguns elementos a quem se tinha confiado dinheiros, se houveram menos honestamente, gastando-o em seu proveito;

— Considerando também que temos de proceder energeticamente contra semelhantes criaturas para que de futuro não se deem casos semelhantes: a assembleia geral reuniu-se em 4 p. p., resolve dar a sua confiança aos actuais corpos gerentes para que eles possam proceder judicialmente contra aqueles que, instados, se prove que de facto não querem pagar as quantias que desejavam.

— A assembleia — depois de grande discussão aprovou a seguinte moção:

— Considerando que, fiados na brandura